

Folha de S. Paulo

15/5/1985

Em Guariba, promessa de greve só em último caso

Do correspondente em Ribeirão Preto

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, a 369 km a noroeste de São Paulo, José de Fátima Soares, 28, disse ontem que aguardará o resultado das negociações salariais que vêm sendo mantidas entre a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp) e a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp), antes de pensar em greve.

José de Fátima afirmou que Guariba, apesar de nas vezes anteriores ter sido a responsável pela deflagração de movimentos grevistas no setor canavieiro, nesta safra evitará ao máximo liderar qualquer paralisação. "Nós já fomos bastante prejudicados por coisas ocorridas no passado", disse ele, embora não descarte a possibilidade de aderir à greve depois de ela ter sido iniciada.

Eleito recentemente vice-presidente da diretoria regional da Central Única dos Trabalhadores — Cut (Interior-2), o sindicalista espera que haja maior entrosamento entre as lideranças sindicais dos quase 400 mil bóias-frias existentes no Estado. "A greve, se ocorrer, precisa ser encarada por todos, pois Guariba não pode arcar sozinha com o desemprego que surge após estes movimentos", reclama ele.

Cravinhos pró-greve

Já o diretor da Fetaesp e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cravinhos, a 309 km de São Paulo, Antônio Crispim, 54, considera impossível adiar a deflagração da greve por mais tempo, caso haja acordo entre as duas federações. "Se continuar o impasse, o barril de pólvora vai explodir", adverte. Ele defende que seja paga uma diária de 50 mil cruzeiros aos cortadores de cana que não trabalham em regime de empreitada (a Faesp oferece diária de Cr\$ 16.825), e a conversão do sistema de colheita de tonelada para metro no caso de regime de trabalho por cota de produção.

Para o usineiro e membro da Comissão de Negociação da Faesp Menézis Balbo, 46, o que a Fetaesp está reivindicando é irreal. "Uma diária de 50 mil cruzeiros representaria salário mensal de 1,5 milhão, bastante superior ao mínimo pago a qualquer trabalhador de mão-de-obra não especializada. O trabalhador que conseguir o corte de cinco toneladas diárias, que é muito baixa, iria ganhar 3 milhões de cruzeiros por mês, alega o empresário.

Contestação em Pontal

Segundo Menézis, há casos de trabalhadores que conseguem cortar vinte toneladas de cana por dia. Estes teriam, nos termos que a Faesp propõe, salário de 3,1 milhões de cruzeiros sem os encargos sociais. Esses números, entretanto, são contestados pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pontal (também na região de Ribeirão Preto, a 319 km de São Paulo), Jairo Costa, 41.

Costa afirma que os casos citados por Menézis são raros e que a média é o trabalhador cortar de quatro a cinco toneladas de cana por dia.

(Primeiro Caderno — Página 11)